



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
CURSO DE JORNALISMO

ADILSON MANOEL SILVA DE SANTANA

PODCAST “NA PERIFA”: o jornalismo cultural como forma de desmitificar os  
estereótipos sobre a periferia

JOÃO PESSOA  
2021

ADILSON MANOEL SILVA DE SANTANA

PODCAST “NA PERIFA”: o jornalismo cultural como forma de desmitificar os estereótipos sobre a periferia

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso Bacharelado em Jornalismo, da Universidade Federal da Paraíba, em atendimento às exigências para obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo.

Orientadora: Profa.Dra. Suelly Maux

JOÃO PESSOA  
2021

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

E232p Santana, Adilson Manoel Silva de.  
Podcast "Na Perifa": o jornalismo cultural como forma  
de desmitificar os estereótipos sobre a periferia /  
Adilson Manoel Silva de Santana. - João Pessoa, 2021.  
36 f. : il.

Orientação: Suelly Maux.  
TCC (Graduação) - UPPB/CCTA.

1. Jornalismo - TCC. 2. Jornalismo cultural. 3.  
Podcast. 4. Antirracismo. 5. Periferia. I. Maux,  
Suelly. II. Título.

UPPB/CCTA

CDU 070(043.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
CURSO DE JORNALISMO

**ATA DE APROVAÇÃO**

Este trabalho foi submetido à avaliação da Banca Examinadora composta pelos professores abaixo relacionados, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Aluno(a): Adilson Manoel Silva de Santana

Título do trabalho: PODCAST "NA PERIFA": o jornalismo cultural como forma de desmitificar os estereótipos sobre a periferia

Aprovado em 13 de julho de 2021, com média: 10,0 (DEZ)

**BANCA EXAMINADORA**

Professor(a) orientador(a): Suelly Maux (siape 338286)

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professor(a) examinador(a): Patrícia Monteiro Cruz Mendes (siape 1063236)

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professor(a) examinador(a): Carlos Alberto F. de Azevedo Filho (siape 2337446)

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço primeiramente à Deus.*

*À minha mãe que me apoiou desde o início.*

*Ao meu pai que sempre perguntou como estavam minhas notas na “escola”.*

*À minha irmã, que sente saudade de mim, mas não admite.*

*À minha namorada.*

*À Janaina Muzi, que me salvou pela segunda vez.*

*E à professora Suelly!!*

*“Sua visão sobre mim ainda não mudou  
Não vai ser da forma que tu quer  
Sempre faço questão de ser quem sou,  
Mais honrado morrer sendo quem é e tamo aê né? né?”  
(Djonga)*

SANTANA, Adilson Manoel Silva de. PODCAST “NA PERIFA” : o jornalismo cultural como forma de desmitificar os estereótipos sobre a periferia.

## RESUMO

O presente trabalho propõe desmitificar os estereótipos que são impostos à população da periferia e dar voz aos indivíduos que são colocados à margem da sociedade. Construir um podcast através de uma linguagem jornalística apoiada em um relato de um entrevistador participante, trabalhar com conteúdo que aproxima e insere os contextos das manifestações negras, culturais e periféricas, cria um movimento de resistência e conforto. A construção de um espaço para dialogar sobre a sua história, lugar, dores, vontades e compartilhado com os seus é imprescindível. Utilizando o recurso da entrevista, poesia e música, o Na Perifa contribui com a preservação da memória e desmitificação sobre alguns estereótipos da periferia. Este é um projeto que visa, portanto, através do protagonismo de pessoas periféricas, a busca pelo controle da sua história.

**Palavras-chave:** Periferia. Jornalismo cultural. Podcast. Antirracismo.

SANTANA, Adilson Manoel Silva de. PODCAST “NA PERIFA”: o jornalismo cultural como forma de desmitificar os estereótipos sobre a periferia.

### **ABSTRACT**

This paper proposes to demystify the stereotypes that are imposed on the population of the periphery and give a voice to those linked to the margins of society. Building a podcast using a journalistic language supported by a report by a participating interviewer, working with content that brings together and inserts the contexts of black, cultural and peripheral manifestations, creates a movement of resistance and comfort. The construction of a space to talk about its history, place, pains, wills and shared with its people is essential. Using the refusal of the interview, poetry and music, Na Perifa contributes to the preservation of memory and demystification about some stereotypes of the periphery. This is a project that aims, therefore, through the role of peripheral people, the search for control of its history.

**Keywords:** Periphery. Cultural journalism. Podcast. Anti-racism.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – Capa do podcast . . . . .	17
Imagem 02 – Aplicativos utilizados . . . . .	18
Imagem 03 – Plataformas utilizadas . . . . .	19
Imagem 04 – Faixa etária . . . . .	19
Imagem 05 – Localização dos ouvintes . . . . .	20
Imagem 06 – Plays dos episódios . . . . .	20
Imagem 07 – Capa do EP01 . . . . .	24
Imagem 08 – Arte de divulgação o EP01 . . . . .	24
Imagem 09 – Capa do EP02 . . . . .	25
Imagem 10 – Arte de divulgação o EP02 . . . . .	25
Imagem 11 – Capa do EP03 . . . . .	26
Imagem 12 – Arte de divulgação o EP03 . . . . .	26
Imagem 13 – Print 01 – Instagram do podcast . . . . .	28
Imagem 14 – Print 02 – Instagram do podcast . . . . .	28
Imagem 15 – Print 03 – Instagram do podcast . . . . .	29

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	09
2	JORNALISMO CULTURAL, A PRODUÇÃO DE CONTEÚDO E O ESTEREÓTIPO SOBRE A PERIFERIA.....	12
3	NA PERIFA .....	16
3.1	O Podcast .....	17
3.2	Pré-produção .....	21
3.3	Produção .....	22
3.4	Pós-produção .....	22
4	EPISÓDIOS .....	24
4.1	#EP01 - Mulheres negras periféricas .....	24
4.2	#EP02 - Eu comunico e você? .....	25
4.3	#EP03 - Entre becos e vielas .....	26
4.4	INSTAGRAM DO NA PERIFA .....	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	30
	REFERÊNCIAS .....	31
	APÊNDICE .....	34

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe desmitificar os estereótipos que são impostos à população da periferia e dar voz aos indivíduos que são colocados à margem da sociedade. Tendo em mente que, no senso comum, toda e qualquer pessoa que viva na periferia é bandido, traficante ou uma pessoa de má índole, é danoso; os meios de comunicação têm certa relação com essa problemática, visto que são um dos pilares para a construção do imaginário social. Essas imagens cristalizadas no imaginário coletivo são extremamente prejudiciais e sedimentam um convívio social que provocam desigualdades em todas as dimensões humanas.

Desse modo, foi realizado um podcast como forma de quebrar essa perspectiva racista que está estabelecida no imaginário há séculos e que é reforçado também pelos discursos midiáticos. O “Na Perifa” é um programa que dá voz à história de pessoas e de lugares que se enquadram como periferia, mostrar os grupos culturais locais e a carga cultural que as comunidades periféricas têm.

Cada programa tem cerca de trinta minutos, os episódios são temáticos e os convidados foram estabelecidos de acordo com cada episódio. A partir do que é exposto sobre a imagem da periferia nos meios tradicionais de comunicação, o jornalismo surge não somente como um instrumento de ação social, mas também como um dispositivo instaurador de realidades, recriando assim modos de pensar e agir. Assim sendo, a pesquisa problematizou as seguintes questões: na comunidade de periferia só tem violência? Quem são as pessoas que compõem aquela comunidade? Quais os estereótipos que aqueles moradores carregam?

Com a crescente produção de conteúdo de forma independente, pessoas e lugares que antes eram postos à margem da sociedade e das discussões do âmbito social ganharam força. O programa “Na Perifa” nasce com a perspectiva de produção independente, empreendedora e com o dever de publicizar e desmitificar estereótipos que são construídos e mediatizados às comunidades de periferia pelo imaginário social.

Contudo, essa ideia foi impulsionada como forma de resistência devido a um ato racista e classista no qual fui alvo. Situação na qual um indivíduo aproximou-se de mim e perguntou se meu pai era vivo, tendo a resposta positiva, me foi perguntado se

meu pai não era traficante de drogas. Assim sendo, configurando um ato racista e classista por me enquadrar no perfil de menino da comunidade (negro e pobre).

Com o grande alcance que as redes sociais proporcionam, o “Na Perifa” é um projeto que mostra as histórias das comunidades e dá abrangência a pessoas que não têm voz nos meios de comunicação tradicionais.

Além disso, existe todo um significado simbólico apoiado na teoria de lugar de fala da socióloga Djamila Ribeiro, pois como periférico e trajado como menino que “venceu na vida”, retomo o controle da narrativa desse povo (no qual me incluo) e reconto esse enredo com toda propriedade e não com olhar exótico. Por isso, o “Na Perifa” surge como meio de alinhar a prática do jornalismo cultural com o ambiente no qual cresci.

O podcast tem cerca de trinta minutos e é dividido em dois quadros, o “Na Laje” que tem como objetivo proporcionar uma oportunidade para jovens artistas das comunidades e a entrevista com o convidado da continuidade ao assunto lançado pelo momento inicial de poesia ou música do programa. O primeiro episódio do podcast foi ao ar no dia 13/01/21 e teve como tema o dia a dia das mulheres negras periféricas. Iniciamos o programa exibindo o quadro “Na Laje”, onde mostramos o trabalho dos artistas periféricos iniciantes, tivemos como convidada a Preta Poeta, *slammer* cearense que no seu verso nos ensinou o que uma mulher preta pode fazer com uma caneta na mão.

O segundo episódio do podcast foi lançado no dia 27/01/21 e fala da importância de termos referências próximas da nossa aparência e da importância de nos comunicarmos, no “Na Laje” temos a música de MC Rafilds, cantor do extremo leste de São Paulo, onde ele canta sobre um jovem negro de “quebrada” poder sonhar e ser o que ele quiser.

O terceiro episódio foi ao ar no dia 10/02/21 e fala sobre as vivências dos homens negros de periferia, sobre a questão estética, a violência que sofremos só por ser de periferia e como a periferia é um lugar de potência. No “Na Laje”, tivemos a participação do poeta, ilustrado e *slammer* mineiro Pedro Augusto, que relata o *modus operandi* da polícia na periferia.

O relatório, através dos dois primeiros capítulos apresentados (Jornalismo Cultural e a Produção de Conteúdo; A periferia e o seu estereótipo), se debruça sobre a construção do processo de desvalorização e preconceito sobre a periferia. Já nos capítulos seguintes (“**NA PERIFA**”; “**O Podcast**” e “**INSTAGRAM DO NA PERIFA**”)

temos uma perspectiva mais aprofundada de como foi realizado o trabalho de produção do podcast.

Utilizando a dinâmica da entrevista em profundidade e semiestruturada, buscamos inserir o aprofundamento da história de vida e do retrato social dos entrevistados, pois, de acordo com Duarte (2006, p. 66) essas entrevistas se originam no problema e recolhem as respostas do entrevistado a partir da sua subjetividade e da sua experiência, tratando o tema com amplitude.

## 2 JORNALISMO CULTURAL, A PRODUÇÃO DE CONTEÚDO E O ESTEREÓTIPO SOBRE A PERIFERIA

O jornalismo cultural o qual conhecemos hoje é uma área do jornalismo, entretanto o jornalismo cultural surgiu no início do século XVIII em Londres com a revista *The Spectator*, lançada em 1711 por Richard Steele (1672-1729) e Joseph Addison (1672-1719). A *The Spectator* é tida como o marco inicial do jornalismo na área de cultura, porém, os assuntos tratados a época ainda convergem com os do presente século.

Porém, para tratarmos sobre o que é jornalismo cultural é importante conceituá-lo.

O jornalismo dinamiza, documenta, avaliza o sistema cultural, age na formação de públicos e fornece parâmetros interpretativos da cultura de um determinado período e local [...]. Por meio dos limites de suas estratégias discursivas e das escolhas editoriais, realiza a importante função de mediação, aproximando o público da experiência da arte, do pensamento e da cultura. A divulgação de uma obra de arte é mecanismo obrigatório para sua própria existência (GOLIN, et al., 2009, p. 4)

Contudo, o conceito de jornalismo cultural não é uma coisa fácil até para os estudiosos da área, como pode-se ver na citação a seguir que veio em atualização a citação destacada logo acima. “[O jornalismo cultural] converte códigos artísticos e literários – herméticos e esotéricos – em linguagem mais ampla, adequada a um auditório maior [...]” (GOLIN et al., 2010, p. 129).

Dessa maneira, os autores entram em consonância com o pensamento de Edgar Morin acerca do papel do jornalismo cultural. A função do jornalismo cultural é revelar de forma clara e acessível “que, em toda grande obra, de literatura, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana” (MORIN, 2001, p. 45).

Com o crescimento da produção independente de conteúdo e conseqüentemente com as redes sociais, uma série de pessoas passaram a produzir, ou seja, a disseminar sua cultura, sem necessariamente ter contato com o jornalismo ou a comunicação. Nessa perspectiva, o processo de disseminação de vários produtos toma uma proporção maior devido à grande preferência por se informar e consumir produtos através das redes sociais.

O jornalismo cultural existe em virtude de uma demanda social. A necessidade que as pessoas têm de saber o que ocorre pelo mundo, para que possam constituir elos com grupos, comunidades e com o próprio ambiente em que vivem (MARQUES DE MELO, 1991. apud. ASSIS, p. 184)

Em contrapartida, o jornalismo tende a ficar mais nichado, ou melhor dizendo, começa a ser mais representativo. Como exemplo disso temos o jornal, rádio e o Twitter da empresa “Voz das Comunidades”, que nasceu naturalmente pelo relato do jovem Rene Silva, que é morador do Morro de Deus, no Complexo do Alemão, periferia do Rio de Janeiro, ao relatar o processo de invasão da polícia em 2005.

Dezesseis anos depois, o cenário para o jornalismo é outro, especificamente para o jornalismo de periferia, pois as ferramentas para a produção de conteúdo, vídeos e fotos são mais acessíveis o que contribui para disseminação de informações.

Antes de avançarmos as discussões, é de extrema importância definirmos o que significa o termo periferia. Desse modo, seguimos o pensamento de Freitas (2009, p. 1) que define a periferia como:

“Periferia” tornou-se o termo utilizado com mais frequência no discurso da mídia brasileira em geral para designar de forma genérica o lugar onde vivem os pobres, marginalizados ou excluídos. Essa maneira de nomear parece uma tentativa de suprimir a necessidade de referir-se à complexidade entranhada nas áreas urbanas construídas pela mobilização de pessoas que, movidas por dinâmicas vinculadas às especificidades de cada lugar, ergueram moradas em desacordo com as regulamentações oficiais. Além de aparentemente conseguir homogeneizar realidades absolutamente distintas, a adoção da palavra ameniza o tom pejorativo muitas vezes impregnado em denominações mais específicas, como favela.

Entretanto, Freitas (2009, p. 2) também frisa a importância de saber a diferença entre favela e periferia:

Favela é favela e periferia é periferia, porque a conformação do lugar periférico não se efetua segundo a mesma lógica, de centro e entorno, nos diversos cantos do mundo. No entanto, por mais que no Rio de Janeiro — bem como em outras grandes cidades — existam favelas periféricas e favelas situadas em zonas nobres da cidade, há um tipo de distanciamento que resiste em ambos os casos.

Para ficar mais evidente podemos pensar um exemplo próximo a gente, como morador de João Pessoa. Uma das favelas que não encaixariam dentro da perspectiva

de periferia seria a comunidade do São José, que está localizada no bairro do Manaíra, bairro nobre da capital paraibana. Por isso, seguindo a reflexão de Freitas (Op. cit.), podemos dizer que São José não é periferia.

A assinatura da Lei Áurea pela princesa Isabel, libertou milhões do regime da escravidão. Os libertos não tinham para onde ir e iniciaram o processo de ocupação de algumas regiões de morros nas grandes cidades da época. Porém, o racismo evidente em relação à população negra, a falta de garantias e a omissão dos regimes governamentais ao longo da história, fizeram com que descendentes dessas pessoas morassem em locais que não tivessem, por exemplo, escolas e saneamento básico.

Seguindo a perspectiva de Villaça (1997), os moradores desses espaços urbanos esbarram numa estrutura de poder que dissemina uma ideologia de domínio e subordinação. Desse modo, os meios de comunicação estando dentro dessa lógica hierarquizada propagam ideias, pensamentos e atitudes sobre aquele tipo de espaço urbano, muitas das vezes pessoas não periféricas resumem unicamente como espaço violentos.

No Brasil a violência (morte) decorre muito mais da pobreza do que de disputas políticas ou religiosas. Em muitos casos, cria-se uma imagem pejorativa de determinados locais periféricos identificados como dispersores da violência, sem que se compreendam os motivos que levam tais sujeitos a esses lugares e a essas práticas e também sem a compreensão de outras faces dessa mesma periferia. (ANJOS; CHAVEIRO, 2007, p. 185)

Justamente por estarem dentro da parcela que tem essa visão e por disseminar esse padrão de pensamento, a TV e o rádio expandem esse discurso em níveis altíssimos, o que não beneficia a população periférica brasileira, pois são alvos constantes de balas perdidas, desaparecimento, assassinatos e uma série de outras violências e microagressões.

O rádio, desde seu surgimento, no século XX, passou por diversas transformações. Mudou, teve de se reinventar. Agora, no século XXI, por causa da revolução provocada pela internet e das novas tecnologias, ganhou espaços públicos inimagináveis. Além das ondas hertzianas, é ouvido pela internet, ao vivo (streaming) ou sob demanda (podcas-ting). (MUSTAFA, 2017, p. 218)

Para prosseguirmos com a discussão é necessário fazermos um breve apanhado sobre o que seria estereótipo. Desse modo, seguimos as perspectivas analíticas de Gahagan (1980, p. 70):

Um estereótipo é uma supergeneralização: não pode ser verdadeiro para todos os membros de um grupo [...]. O estereótipo é, provavelmente, muito inexacto como descrição de um dado sujeito [...] mas não dada qualquer outra informação, constitui uma conjectura racional. Um desses traços levaria então à inferência de outros traços [...].

Outro meio de construção de um estereótipo sólido sobre a periferia é o cinema nacional, obras como *Cidade de Deus* escrito por Paulo Lins, que conta a história da favela Cidade de Deus entre os anos de 1960 e 1980 com base no romance semiautobiográfico. Existem duas teorias criminológicas tratadas no filme. A teoria inicial estabelece que alguns criminosos nascem para ser maus (como o psicopata Dadinho que muda seu nome para Zé Pequeno quando cresce), recorrendo a teorias ultrapassadas do “criminoso biológico”.

Essa ideia é exposta pelo narrador, quando Dadinho mata pela primeira vez: “Ele sempre quis governar a Cidade de Deus... Naquela noite ele satisfaz sua sede de sangue”. A segunda teoria diz que o comportamento criminoso é influenciado pelo ambiente (lugares e pessoas), o que nos é mostrado de uma forma implícita quando Zé Pequeno força outra criança a matar um bebê.

Se considerarmos os estereótipos como uma forma particular de esquemas, podemos dizer que estes constroem a memória que temos sobre os indivíduos ou grupos de indivíduos respeitando certas constelações de imagens. (SOUSA; BARROS, 2012, p. 204)

São esses tipos de construções e correlações que os meios predominantemente brancos estabelecem sobre a periferia, o que acaba estigmatizando toda uma história de luta, vitórias e arte.

### 3 NA PERIFA

Quando este projeto foi pensado tinha outra configuração, seria um programa de TV produzido para o YouTube com perspectiva de difundir a cultura e a visão dos moradores da periferia. O programa seria dividido da seguinte forma: três quadros, sendo o primeiro o “Papo Reto” (entrevista), que teria como perspectiva conversar com pessoas que conhecem a formação do local onde moram, pessoas que desenvolvem projetos culturais e artistas de rua.

O quadro musical “O Som da Perifa”, teria como objetivo entrevistar cantores da periferia, buscando dar voz aos invisibilizados e dar outra visão sobre a comunidade.

O quadro “Eu Vejo” seria uma espécie de minidoc dentro do programa, a criança que participaria desse quadro teria uma câmera para fotografar ou filmar algo que lhe chamasse atenção na sua comunidade. Após essa tarefa, a criança seria entrevistada pelo apresentador ou alguém da produção, que não seriam filmados durante a entrevista para ter um caráter de documentário.

Entretanto, projeto precisou passar por uma readequação para ficar dentro dos padrões estabelecidos pela UFPB por causa da pandemia do novo coronavírus. O SARS-CoV2, foi identificado em Wuhan, na China, no dia 31 de dezembro de 2019. Desde então, os casos começaram a se espalhar rapidamente pelo mundo: primeiro pelo continente asiático e depois por outros países. Em fevereiro, a transmissão da Covid-19, nome dado à doença causada pelo SARS-CoV2, no Irã e na Itália chamaram a atenção pelo crescimento rápido de novos casos e mortes, fazendo com que o Ministério da Saúde alterasse a definição de caso suspeito para incluir pacientes que estiveram em outros países. No mesmo dia, o primeiro caso do Brasil foi identificado em São Paulo.

Assim sendo, o programa de TV virou um podcast quinzenal sendo publicado todas as quartas-feiras às 14:30 através da plataforma Anchor, que pertence ao Spotify. A ideia do “Na Perifa” nasceu após eu ter passado por um episódio de racismo e preconceito socioeconômico.

Nascido na comunidade do Alto José do Pinho, no Recife, sou radialista e estudante de Jornalismo da UFPB. Através do “Na Perifa”, o meu objetivo é contar a vida e a história da periferia por quem é da periferia, o que geralmente não ocorre nos

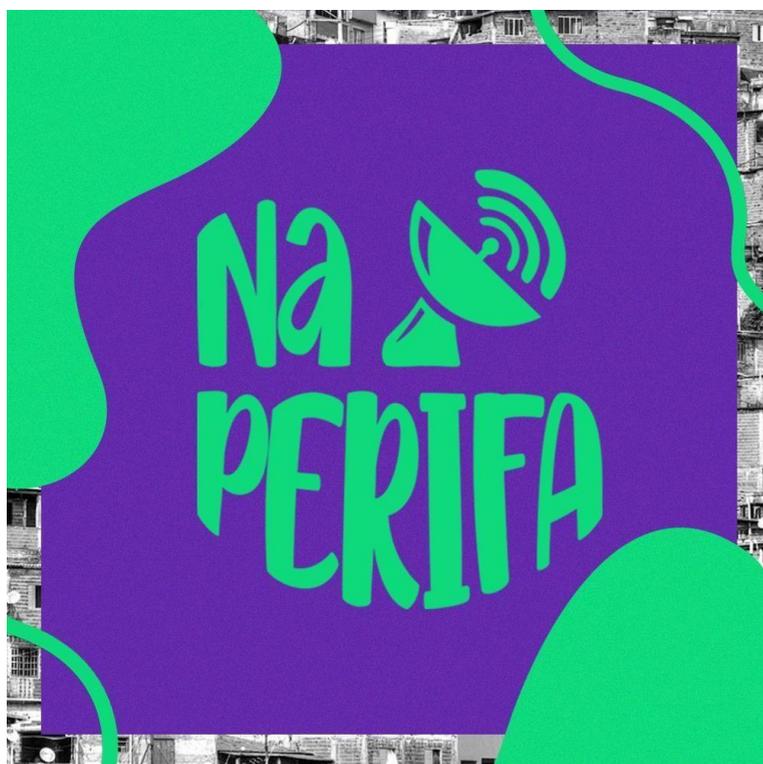
meios de comunicação tradicionais e pode acabar acarretando numa série de equívocos e representações mal construídas dos lugares e das pessoas que fazem parte desse ambiente.

## O Podcast

O “Na Perifa” como podcast surgiu a partir de uma adaptação da ideia inicial do projeto, que seria um programa de TV. Além disso, foi necessário repensar o programa, deixando de ter o foco no Alto José do Pinho, devido a pandemia.

Então o podcast ficou esquematizado da seguinte maneira: “Na Laje”, que é um quadro onde são trazidas a poesia e a arte do povo da periferia e introduz o ouvinte ao tema que será discutido ao longo de toda a entrevista.

Imagem 01: Capa do podcast



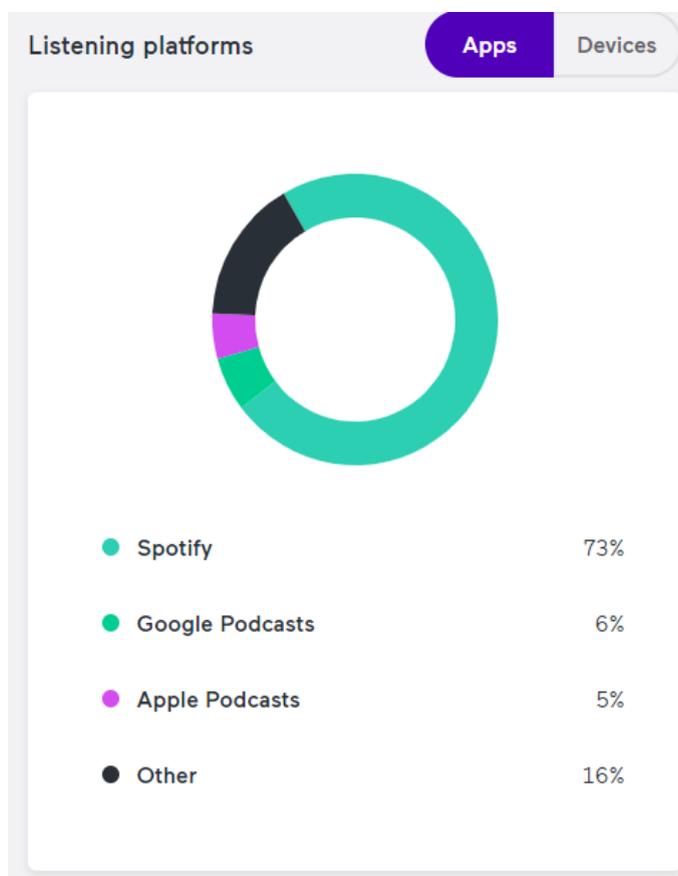
Fonte: arquivo pessoal

O podcast tem cerca de trinta minutos e sempre entrevistamos artistas periféricos para debatermos assuntos constituintes à população que moram nas periferias brasileiras. O produto está disponível em sete plataformas digitais de áudio:

Anchor, Breaker, Google Podcasts, Apple Podcasts, Pocket Casts, Radiopublic e Spotify.

A maioria dos nossos ouvintes são advindos do Spotify, com 73%, Google Podcasts fica em segundo com 6%, Apple Podcasts em terceiro com 5% e os outros 16% restante usando outros métodos para ouvir.

Imagem 02: Aplicativos utilizados

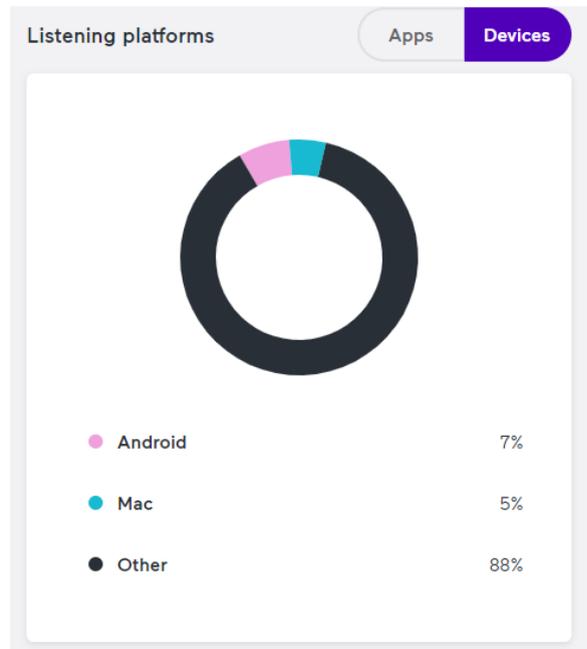


Fonte: Anchor/Spotify<sup>1</sup>

Devido à grande quantidade de smartphones e facilidade ao acesso desses aparelhos, acreditava-se que o podcast seria mais ouvido por celular. Entretanto, não é o que a métrica do Anchor nos mostra. 7% dos ouvintes escutaram o “Na Perifa” por Android, 5% por Mac e outros 88% ouviram por outros sistemas.

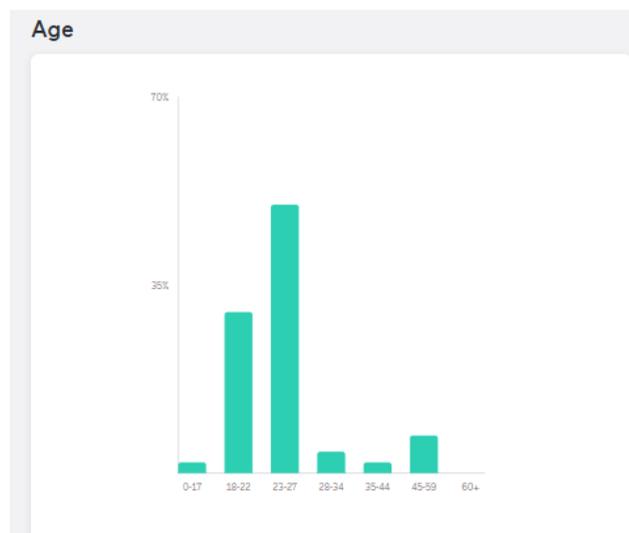
<sup>1</sup> Disponível em: <<https://anchor.fm/dashboard>> Acesso em: 25 mar. 2021

Imagem 03: Plataformas utilizadas

Fonte: Anchor/Spotify<sup>2</sup>

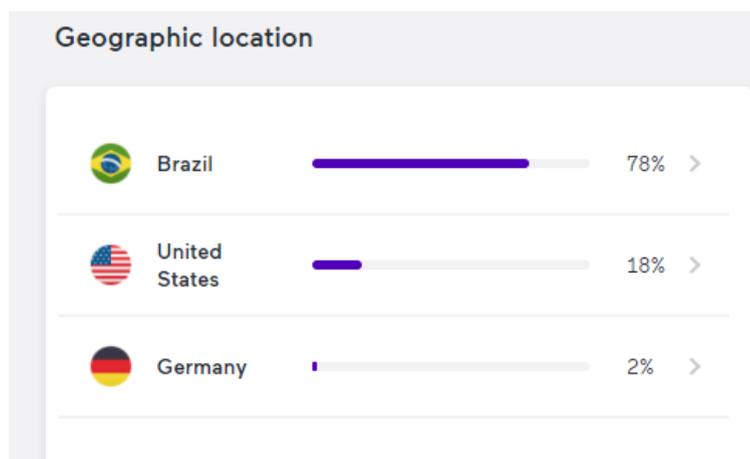
Segundo dados disponibilizados pelo Spotify, 50% do nosso público tem entre 23 e 27 anos, 30% têm entre 18 e 22 anos, 7% têm entre 45 e 59 anos, 4% têm entre 28 e 34 anos, empatados na questão de porcentagem estão as faixas etárias de 0 e 17 anos e 35 e 44 anos com 2% cada.

Imagem 04: faixa etária

Fonte: Anchor/Spotify<sup>3</sup><sup>2</sup> Disponível em: <<https://anchor.fm/dashboard>> Acesso em: 25 mar. 2021<sup>3</sup> Disponível em: <<https://anchor.fm/dashboard>> Acesso em: 25 mar. 2021

Com relação ao gênero, 54% dos nossos ouvintes se identificam como sendo do gênero feminino, 41% são do gênero masculino e 5% não se identificam com nenhum dos dois gêneros. Em relação à localização dos ouvintes, 78% deles moram no Brasil, 18% nos Estados Unidos e 2% na Alemanha.

Imagem 05: Localização dos ouvintes



Fonte: Anchor/Spotify<sup>4</sup>

Os episódios mais acessados seguem essa ordem: Teaser- “Na Perifa” com 32 plays, #EP03 - Entre becos e vielas com 30 plays, #EP01 - Mulheres negras periféricas com 28 plays e #EP02 - Eu comunico e você? com 18 plays.

Imagem 06: Plays dos episódios

Episodes					
Name	Length	Plays	Ads	Date	Status
#EP03 - Entre becos e vielas	31:53	30	0	Published on 2/10/21	...
#EP02 - Eu comunico e você?	28:09	18	0	Published on 1/27/21	...
#EP01 - Mulheres negras periféricas	26:27	28	0	Published on 1/13/21	...
Teaser - Na Perifa	01:02	32	0	Published on 12/10/20	...

Fonte: Anchor/Spotify<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://anchor.fm/dashboard>> Acesso em: 25 mar. 2021

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://anchor.fm/dashboard>> Acesso em: 25 mar. 2021

## Pré-produção

O trabalho da pré-produção se voltou para a pesquisa de temas relevantes para a proposta do programa e de possíveis convidados, pensar em qual plataforma seria gravada a entrevista, onde seria editado e como se daria a distribuição nas plataformas digitais de áudio, escolha das vinhetas, trilha sonora, o processo de *brainstorming* para as artes e a conversa com o design.

A pré-produção de acordo com Zetti (2011, p.3):

Inclui as preparações e atividades realizadas antes do trabalho efetivo em estúdio ou em campo no primeiro dia de produção. Normalmente, ela acontece em dois estágios. O estágio 1 consiste em todas as atividades necessárias à transformação da ideia básica em conceito ou roteiro prático. No segundo estágio, são abordados na íntegra os detalhes necessários à produção, como locação, equipamento para produção com uma ou várias câmeras.

Dessa forma, o trabalho se deu da seguinte maneira: foi escolhido o Zoom como meio de gravação da entrevista, pois esse aplicativo de chamadas de vídeo teve crescente preferência durante a pandemia, na questão de distribuição do podcast foi escolhido o Anchor como plataforma, o software de edição escolhido foi o Adobe Premiere, que é um software de edição de vídeo e áudio.

Pela falta de conhecimento sobre a questão gráfica, foi necessário contratar um designer para elaboração das artes da marca “Na Perifa”, como ícone e combinação de cores, das capas do podcast e dos episódios escolhidos.

Sendo assim, foram elencados cerca de 10 temas que são pertinentes para a população da periferia e escolhidos três para gravar. O primeiro tema escolhido foi “Mulheres Negras Periféricas”, o segundo “Eu comunico a você?” e o terceiro tema foi “Entre becos e vielas”.

Após todo o levantamento necessário, foi iniciado o processo de elaboração dos roteiros. Cada roteiro contava com 10 perguntas iniciais e as outras vinham com o desenrolar da conversa. Pois, dessa maneira ficava uma entrevista mais conversada e natural, tendo em vista que o entrevistado e eu, enquanto apresentador, tínhamos um certo grau de conhecimento sobre os assuntos tratados.

Após a elaboração do roteiro, foi iniciado o processo de entrar em contato com os entrevistados. Duas dessas entrevistas foram gravadas ainda em 2020, sendo do

primeiro e segundo episódio, já a entrevista do terceiro episódio foi gravada em janeiro de 2021. Dois dos entrevistados foram contatados diretamente e uma, por ser uma multiartista, foi contatada através da assessoria de imprensa.

### **Produção**

Como o trabalho home office reconfigurou a rotina de muitas pessoas, o que fez nossa semana ficar sobrecarregada de demanda do trabalho, as entrevistas sempre eram gravadas como chamadas de vídeo aos sábados no período da tarde. Meia hora antes do horário combinado, era feito o contato com o entrevistado para confirmar a entrevista e explicar de forma resumida como se daria a gravação do podcast.

A fase de recolha dos materiais noticiáveis é influenciada pela necessidade de se ter um fluxo constante e seguro de notícias, de modo a conseguir-se sempre executar o produto exigido. Isso leva, naturalmente, a que se privilegie os canais de recolha e as fontes que melhor satisfazem essa exigência: as fontes institucionais e as agências (WOLF, 1999, p. 98).

No programa não há preferência por fontes institucionais ou agências. Os temas são escolhidos de outra forma. O foco está na periferia e em assuntos que provavelmente ainda são poucos discutidos por veículos tradicionais de comunicação. A entrevista durava mais ou menos 35 minutos, ao fim da gravação era solicitada uma foto do entrevistado e um resumo de apresentação, pois a foto seria utilizada no post de divulgação dos stories e para o feed do Instagram e o resumo faria parte da apresentação do convidado.

### **Pós-produção**

Segundo Zettl (2011, p.3), “a pós-produção consiste em duas atividades principais: edição de vídeo e de áudio [...]”. Como estamos falando de podcast, ou seja, somente áudio, o foco foi o áudio. Para editar o material foi utilizado o software Premiere CC 2019, desenvolvido pela Adobe Systems.

Através desse programa foram realizados os cortes nos respiros, o uso de efeitos de som como o DeNoiser, que limpa o ruído no áudio, a adição da locução, trilha sonora e a modulação o áudio na altura correta. A edição de cada episódio durava em torno de 4 horas.

Após o processo de edição, coloca-se para renderizar, esse processo faz com que todos os trechos dos áudios postos na linha do tempo se unam e acabem virando um arquivo só.

## 4 EPISÓDIOS

Agora nós vamos conhecer mais afundo os episódios do podcast, seus convidados e quais os temas que foram abordados em cada um deles.

### #EP01 - Mulheres negras periféricas

Imagem 07: Capa do EP01



Fonte: arquivo pessoal

Imagem 08: Arte de divulgação do EP01



Fonte: arquivo pessoal

O primeiro episódio do podcast foi ao ar no dia 13/01/2021 e teve como tema o dia a dia das mulheres negras periféricas. Iniciamos o programa exibindo o quadro “Na Laje”, onde mostramos o trabalho dos artistas periféricos iniciantes, tivemos como convidada a Preta Poeta, *slammer* cearense que no seu verso nos ensinou o que uma mulher preta pode fazer com uma caneta na mão.

Como entrevistada tivemos a mulher trans Bianca Minicongo, popularmente conhecida como Bixarte. Criada na periferia de Santa Rita, Bia é filha de uma mulher preta, gorda e empregada doméstica, assim como a maioria dos jovens periféricos. Ela é atriz, cantora, poetisa e escritora. Em 24 minutos de entrevista ela contou os seus percalços, como a periferia influencia na sua arte e o processo de lançar um álbum. A cantora teve seu despertar para a música após um fato que mexeu a comoveu muito, que foi o assassinato da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco e do seu motorista Anderson Gomes, no dia 14 de março de 2018.

Desde então, Bia não parou de escrever, falar ou cantar sobre as dores e conquistas, sejam elas pessoais ou dos seus. Recentemente Bia foi a grande campeã da 3ª edição do Festival de Música da Paraíba. Ela recebeu o prêmio de R\$ 10 mil, referente ao primeiro lugar, das mãos da presidente da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), Naná Garcez.

## #EP02 - Eu comunico e você?

Imagem 09: Capa do EP02



Fonte: arquivo pessoal

Imagem 10: Arte de divulgação do EP02



Fonte: arquivo pessoal

O segundo episódio do podcast foi lançado no dia 27/01/2021 e fala da importância de termos referências próximas da nossa aparência e da importância de nos comunicarmos, no "Na Laje" temos a música de MC Rafilds, cantor do extremo leste de São Paulo, ele canta sobre um jovem negro de "quebrada" poder sonhar e ser o que ele quiser. Na entrevista, Monis Barros, natural do sertão pernambucano da Pedra do Reino, é jornalista em formação pela UFPB, editora do blog de escritórias negras Quilombo Cibernético, Antiproibicionista, e coordenadora do Coletivo Mutirão que articula autocuidado e autoconhecimento em rede para pessoas negras e periféricas.

## #EP03 - Entre becos e vielas

Imagem 11: Capa do EP03



Fonte: arquivo pessoal

Imagem 12: Arte de divulgação do EP03



Fonte: arquivo pessoal

O terceiro episódio foi ao ar no dia 10/02/2021 e fala sobre as vivências dos homens negros de periferia, sobre a questão estética, a violência que sofremos só por ser de periferia e como a periferia é um lugar de potência. No “Na Laje”, tivemos a participação do poeta, ilustrado e *slammer* mineiro Pedro Augusto, que relata o *modus operandi* da polícia na periferia.

Na entrevista conversamos com Kleyton Souza, ou melhor, Poeta RN. Conhecido popularmente como Poeta, Kleiton Souza é MC, escritor e produtor cultural. Nasceu em Santos (SP) em 1989. Em 2002 mudou-se para Natal, cidade que é cenário de suas primeiras influências do universo do Hip Hop e com a cultura negra local, pontos de encontro em suas ações como agitador cultural. Em 2006, tornou-se MC.

Ingressou em 2010 como estudante de graduação no curso de Letras (português) na UFRN, onde teve como seus interesses de pesquisa temas voltados para a oralidade, literatura, cultura marginal e estudos culturais focados na identidade negra e da diáspora. Em 2013 criou a Batalha da Vermelha, localizada na Praça André de Albuquerque, conhecida como praça vermelha. Começou sua formação em produção cultural no IFRN (Cidade Alta) em 2017. Atualmente atua como agulheiro e escritor, além de buscar novas experiências nos *Slams* online.

## INSTAGRAM DO NA PERIFA

O Instagram foi escolhido como a principal rede de divulgação do podcast, pelo fato de ser uma das redes sociais mais utilizadas pelos brasileiros. Segundo a empresa de marketing digital Resultados Digitais o Instagram foi a quarta rede social mais usada no país, como diz o trecho do blog da empresa logo abaixo:

O Instagram foi uma das primeiras redes sociais exclusivas para acesso por meio do celular. E, embora hoje seja possível visualizar publicações no desktop, seu formato continua sendo voltado para dispositivos móveis. De acordo com o report da We Are Social e da Hootsuite, o Insta é a 4ª rede social mais usada no Brasil, com 95 milhões de usuários. (RESULTADOS DIGITAIS)

Com o crescente surgimento de redes sociais e com o declínio da audiência das emissoras de televisão, as pessoas começaram a se informar pelas redes, principalmente os jovens. “A fuga tem ocorrido para justamente outras telas e mídias: para os celulares, tablets, redes sociais, a internet, os games e os agora temíveis e poderosos serviços de streaming”. (SPLASH UOL)

Assim como aponta a pesquisa do site Olhar Digital:

Não é à toa que apenas 53% dos jovens entre 16 a 24 anos se consideram bem informados: e mais, para maioria deles (77%), as redes sociais são a principal fonte de informação. (OLHAR DIGITAL)

Desse modo, o Instagram do “Na Perifa” tem as artes de divulgação dos episódios, como também tem conteúdo pensado especificamente para a plataforma, como podemos ver nas imagens 13, 14 e 15. Nesses prints podemos ver um IGTV que foi nomeado de “Perifa News”, que saiu numa sexta-feira antes do lançamento dos episódios no Spotify, no dia 10 de janeiro de 2021.

Outro material exclusivo do Instagram é o “Na Perifa Indica” onde foi indicado o grupo gaúcho chamado de “As Bucepretas”, grupo de MCs da capital do Rio Grande do Sul e moradoras das comunidades da Restinga e Lomba do Pinheiro. O material (foto e teaser do vídeo clipe) foi cedido pelo grupo através do direct do Instagram.

Imagem 13: Print 01 - Instagram do podcast



Fonte: arquivo pessoal

Imagem 14: Print 02 – Instagram do podcast



Fonte: arquivo pessoal

Imagem 15: Print 03 – Instagram do podcast



Fonte: arquivo pessoal

Também podemos ver que o Instagram do podcast foi bem aceito, acumulando um bom número de seguidores em relação ao número de perfis seguidos, o que ajuda no alcance e da autoridade sobre do conteúdo trabalhado na página.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar este trabalho nos proporcionou uma vivência de memórias e experiências. Contar a história dos seus é um modo de devolver para o lugar onde crescemos todo o conhecimento adquirido nessa trajetória. Ouvir os relatos, músicas e poesias foi um acalanto.

As entrevistas foram enriquecedoras e me fizeram refletir um pouco sobre as diferentes demandas que uma população que ocupa o mesmo espaço tem. Amo conversar com as pessoas e acredito que isso faça parte da minha essência e é muito gratificante estar nesse espaço de não saber. A publicização desse material foi bem interessante e foram divulgados por todos os entrevistados em suas redes sociais o que gerou um bom alcance pra um podcast.

Sendo assim, pelo que foi exposto ao longo de todo o relatório, percebe-se que os objetivos propostos foram atendidos e os programas foram bem recepcionados, de acordo com o que foi exposto nas métricas no capítulo 5.

A percepção que fica do Jornalismo Cultural e do contato direto com a realidade do entrevistado, mostra que conseguimos, de certa forma, apresentar esse olhar do diálogo mútuo e participativo entre o entrevistador e o entrevistado.

Tratar sobre os assuntos que foram expostos pelo podcast para mim é muito gratificante, pelo fato de serem pautas de conversas dos moradores da periferia. Entretanto, nem tudo foi fácil. As dificuldades começaram com instabilidade da internet em alguns momentos da gravação, o que não foi bom. Apesar das dificuldades, acredito que foi desempenhado um bom trabalho e me lanço como profissional periférico com o compromisso de visibilizar, corporificar, discutir e principalmente decoloniar essa visão sobre os negros periféricos.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, A. F. dos.; CHAVEIRO, E. F. A periferia urbana em questão: um estudo socioespacial de sua formação. **In:** Boletim Goiano de Geografia: Goiânia/GO, v 27, n. 2, 2007.

ASSIS, Francisco de. Jornalismo cultural brasileiro: aspectos e tendências. **Rev. Estud. Comun.**, Curitiba, v. 9, n. 20, p. 183-192, set./dez. 2008

BASSO, E. C. **Jornalismo cultural** – subsídios para uma reflexão. Disponível em: <[www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)>. Acesso em: 20 mar. 2021.

CRUZ, H. de F. **São Paulo em papel e tinta:** periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

DUARTE, J. Entrevista em Profundidade. **In:** BARROS, A.; DUARTE, J. (Orgs.) Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FREITAS, G. B. de. A cultura na (da) periferia e a periferia na (da) mídia. **Políticas Culturais em Revista.** 2009. Disponível em <<https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/4273/3139>>. Acesso em: 15 abr. 2021

EXAME, Revista. Disponível em <<https://exame.abril.com.br/negocios/dino/aumento-no-consumo-de-smartphones-provoca-mudancas-nas-redacoes/>>. Acesso em: 09 set. 2019

GAHAGAN, J. **Comportamento interpessoal e de grupo.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980

GOLIM, Cida *et al.* Cultura na primeira página: o jornal Diário do Sul e a representação do sistema artístico-cultural. **In:** ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 4 - UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), nov. de 2009.

GOLIM, Cida *et al.* Jornalismo e sistema cultural: a identidade das fontes na cobertura de cultura do jornal Diário do Sul (Porto Alegre, 1986-1988). **Comunicação & Sociedade**, ano 32, 2010.

MUSTAFA, Izani Pibernat. O rádio mudou. É expandido. Transbordou para o celular e para as redes sociais. **Comun. Mídia Consumo**, São Paulo, v. 14, n. 41, p.216-221, set./dez. 2017

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

OLHAR Digital. Pesquisa aponta: sete e cada dez brasileiros se informam pelas redes sociais. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/2019/02/01/noticias/pesquisa-aponta-sete-em-cada-dez-brasileiros-se-informam-pelas-redes-sociais/>>. Acesso em: 26 maio 2021.

PIZA, D. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2004.

**Resultados Digitais**. As 10 redes sociais mais usadas no Brasil em 2020. Disponível em <<https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>> Acesso em: 26 maio 2021.

SOUSA, K. C. S.; BARROS, J. de D. V. Estereótipos étnicos e representações sociais: uma breve incursão teórica. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís/MA, v.5, n.2, jul./dez. 2012.

**SPLASH UOL**. Exclusivo: TV aberta perdeu quase metade do público em 20 anos. Disponível em: < <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2021/02/02/exclusivo-em-20-anos-metade-do-publico-ja-fugiu-da-tv-aberta.htm>> Acesso em: 22 de jun. 2021

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

VILLAÇA, F. Efeitos do espaço sobre o social na metrópole brasileira. In: VII Encontro Nacional da ANPUR. Recife/PE, 1997, p. 2-13.

WOLF. M. **Mass media**: contextos e paradigmas. Novas tendências. Efeitos a longo prazo. O newsmaking. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

ZETTL, H. **Manual de produção de televisão**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

## APÊNDICE

### NA Perifa – ROTEIRO (EP04)

OFF: OLÁ PESSOAL, EU SOU ADILSON SANTANA E EU COMANDO O NA PERIFA E O TEMA DO EPISÓDIO DE HOJE É “ENTRE BECOS E VIELAS”, A GENTE VAI CONVERSAR SOBRE AS VIVÊNCIAS DE UM MC O KLEYTON SOUZA, O POETA RN, DE NATAL. CONHECIDO POPULARMENTE COMO POETA, KLEITON SOUZA É MC, ESCRITOR E PRODUTOR CULTURAL. NASCEU EM SANTOS (SP) EM 1989. EM 2002 MUDOU-SE PARA NATAL, CIDADE QUE É CENÁRIO DE SUAS PRIMEIRAS INFLUÊNCIAS DO UNIVERSO DO HIP HOP E COM A CULTURA NEGRA LOCAL. VAMOS FALAR DE MÚSICA, MILITÂNCIA E É CLARO SOBRE A PERIFERIA. OBRIGADO POR TEREM ACEITADO O CONVITE E SEJAM BEM-VINDOS AO NA PERIFA.

### **ESPERAR CONVIDADOS RESPONDEREM**

PARA INICIAR O NOSSO PAPO...

#### PERGUNTAS

- 1 - COMO VOCÊS DESCREVERIAM A PERIFERIA DE VOCÊ?
- 2 - QUAIS SÃO OS ARTISTAS DA QUEBRADA DE ONDE MORAM QUE VOCÊS INDICARIAM PARA O PESSOAL QUE ESCUTA A GENTE?
- 3 - COMO VOCÊS VEEM A IMPORTÂNCIA DE MOSTRAR E CANTAR A ESTÉTICA NEGRA?
- 4 - A PERIFERIA SEMPRE É VISTA COMO UM LUGAR PRECÁRIO, SUJO E ABANDONADO PELO ESTADO. VOCÊS COMO ARTISTA, NEGROS E PERIFÉRICOS ENCARAM ISSO?
- 5 - A GENTE SABE QUE NAS COMUNIDADES TEM MUITA GENTE TALENTOSA E NÃO SÓ EM UM TIPO DE SEGMENTO E QUE COMUNICAM SUAS VIVÊNCIAS, SUA ARTE E MUITAS DAS VEZES ESSES JOVENS NÃO TÊM O RECONHECIMENTO QUE DEVERIAM TER. QUAL A LEITURA GENTE PODE TIRAR DISSO?
- 6 - PRETO, NO SEU ÚLTIMO LANÇAMENTO A MÚSICA “VEM” VOCÊ INICIA MUITO FORTE E ELA DIZ O SEGUINTE “VEM SENTIR A DOR QUE A RUA ME PROVOCA E TER A COR QUE TANTOS INCOMODA” COMO FOI COLOCAR TANTA CARGA EMOCIONAL E PESSOAL EM POUCOS SEGUNDOS DE MÚSICA?
- 7 - POETA, EM 2013 VOCÊ CRIOU A BATALHA DA VERMELHA AÍ EM NATAL, DENTRO DESSES 7 ANOS DE EXISTÊNCIA VOCÊ FALOU E OUVIU FRASES COMO ESSA DA MÚSICA DE PRETO, MESMO SENDO DE LUGARES DISTINTOS COMO VOCÊ VÊ ESSE TIPO DE DESABAFO?
- 8 - EM MEIO A PANDEMIA A GENTE VIU MORTES, VÍDEOS DE DENÚNCIA DE RACISMO E VÍDEOS RACISTAS... DE UMA HORA PRA OUTRA VÁRIAS PESSOAS COMEÇARAM

**A POSTAR VIDAS NEGRAS IMPORTAM, O MOVIMENTO NEGRO FALA ISSO A MUITO TEMPO. ESSA HASTAG ALÉM DE SER USADA COMO FORMA DENÚNCIA, ELA FOI USADA COMO FORMA DE PROMOÇÃO POR ALGUMAS PESSOAS?**

**9 - O QUE É A PERIFERIA PARA VOCÊS?**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
CURSO DE JORNALISMO

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Discente: Adilson Marcel Silva de Santana

Matrícula: 20180083811

Título do Trabalho:

Podcast "Na Paraíba": O formalismo cultural como  
forma de desmitificar os estereótipos sobre a Paraíba

Professor (a) orientador

(a): Suelly Maia

Declaro, a quem possa interessar, que o presente trabalho é de minha autoria e que responderei por todas as informações e dado nele contidos, ciente da definição legal de plágio e das eventuais implicações.

João Pessoa, 17 de Julho de 2021

Adilson Marcel S. de Santana

Assinatura do (a) discente